

Uso de plantas medicinais entre universitários no Vale do Ribeira

Use of medicinal plants among university students in Ribeira Valley

Uso de plantas medicinales entre estudiantes universitarios de Vale do Ribeira

Recebido: 27/07/2021 | Revisado: 31/07/2021 | Aceito: 04/09/2021 | Publicado: 08/09/2021

Nathália Coutinho Nunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3908-6791>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: nathic_nunes@hotmail.com

Nathany Lourenço de Andrade do Prado Verde

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0441-3964>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: andradenathany@outlook.com

Leonardo Santos de Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5999-6808>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: leonardsantos2008@hotmail.com

Maria Júlia Friedmann Cruz Cabral

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0546-4288>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: julia-friedmann@hotmail.com

Monica da Silva Camargo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6617-2110>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: monicacamargo10@hotmail.com

Hugo Gonçalves Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2277-1837>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: hugo5313@hotmail.com

André Luiz Thomaz de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5158-9247>
Centro Universitário do Vale do Ribeira, Brasil
E-mail: alfenas2@hotmail.com

Resumo

Identificar o uso de plantas medicinais entre estudantes universitários dos cursos de ciências da saúde no Vale do Ribeira. Estudo exploratório, descritivo, transversal, de abordagem quantitativa, realizado com alunos do último ano dos cursos de bacharelado em enfermagem, fisioterapia, farmácia e nutrição. Foram coletadas informações sociodemográficas e sobre o uso de plantas medicinais. Participaram no estudo 76 alunos, sendo 38,2% do curso de enfermagem, 28,9% de fisioterapia, 19,7% de farmácia e 13,2% de nutrição. Os participantes caracterizam-se por serem predominantemente do sexo feminino, com idade < 25 anos, que alegaram não fazer o uso de plantas medicinais e desconhecerem a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Em sua maioria, acreditam na eficácia das plantas medicinais no tratamento de doenças e mais da metade relataram que durante a graduação o tema “plantas medicinais” não foi abordado em aulas, eventos e/ou outras atividades acadêmicas. O boldo foi à planta mais consumida entre os estudantes, com a finalidade para tratar enjoo, mal-estar, dor de barriga, digestão e dor no fígado. Embora os estudantes tenham informado acreditar no efeito terapêutico das plantas medicinais, mais da metade relataram não fazer o uso. Neste contexto, é fundamental a ampliação em discussões sobre o tema no contexto acadêmico, visto que, pode refletir na atuação dos futuros profissionais, principalmente daqueles inseridos na Atenção Primária.

Palavras-chave: Enfermagem; Terapias complementares; Plantas medicinais; Ensino.

Abstract

To identify the use of medicinal plants among university students in health science courses in Ribeira Valley. Exploratory, descriptive, cross-sectional study with a quantitative approach, carried out with students in the final year of bachelor's degrees in nursing, physiotherapy, pharmacy and nutrition. Sociodemographic information and information on the use of medicinal plants were collected. The 76 students participated in the study, 38.2% from the nursing course, 28.9% from physiotherapy, 19.7% from pharmacy and 13.2% from nutrition. Participants are considered to be predominantly female, aged < 25 years, who are denied to use medicinal plants and were unaware of the National Policy on Integrative and Complementary Practices. Most of them believe in the effectiveness of medicinal plants in the treatment of diseases and more than half reported that during graduation the topic “medicinal

plants” was not addressed in classes, events and/or other academic activities. Bilberry was the most consumed plant among students, with the purpose of treating nausea, malaise, stomachache, digestion and liver pain. Although students reported, believing in the therapeutic effect of medicinal plants, more than half reported not using them. In this context, it is essential to expand discussions on the subject in the academic context, as it may reflect on the performance of future professionals, especially those inserted in Primary Care.

Keywords: Nursing; Complementary therapies; Medicinal plants; Teaching.

Resumen

Identificar el uso de plantas medicinales entre estudiantes universitarios en cursos de ciencias de la salud de Vale do Ribeira. Estudio exploratorio, descriptivo, transversal con enfoque cuantitativo, realizado con estudiantes de último año de licenciatura en enfermería, fisioterapia, farmacia y nutrición. Se recogió información sociodemográfica e información sobre el uso de plantas medicinales. Participaron del estudio 76 estudiantes, 38,2% del curso de enfermería, 28,9% de fisioterapia, 19,7% de farmacia y 13,2% de nutrición. Los participantes se caracterizan por ser predominantemente mujeres, menores de 25 años, que afirmaron no usar plantas medicinales y desconocían la Política Nacional de Prácticas Integrativas y Complementarias. La mayoría de ellos cree en la efectividad de las plantas medicinales en el tratamiento de enfermedades y más de la mitad informó que durante la graduación el tema “plantas medicinales” no se abordó en las clases, eventos y / u otras actividades académicas. El boldo fue la planta más consumida entre los estudiantes, con el propósito de tratar náuseas, malestar, dolor de estómago, digestión y dolor de hígado. Aunque los estudiantes informaron creer en el efecto terapéutico de las plantas medicinales, más de la mitad informaron no usarlas. En este contexto, es fundamental ampliar las discusiones sobre el tema en el contexto académico, ya que puede reflexionar sobre el desempeño de los futuros profesionales, especialmente los insertados en Atención Primaria.

Palabras clave: Enfermería; Terapias complementarias; Plantas medicinales; Enseñanza.

1. Introdução

O uso de plantas medicinais para finalidades preventivas, curativas e paliativas credenciou-se ao longo da história da humanidade. Com origem dos primeiros registros catalogados de plantas medicinais pelos chineses, egípcios, gregos e indús (Almeida, 2020), seu uso terapêutico ainda é marcante na sociedade contemporânea, mesmo com o avanço da indústria farmacêutica (Silva, 2017).

Diversas plantas medicinais vêm sendo constantemente utilizadas pela indústria farmacêutica para a produção de medicamentos, constituindo-se em um recurso indispensável para futuras descobertas terapêuticas e o desenvolvimento de medicamentos seguros (Zago, 2018). Ademais, observa-se que muitas doenças têm sido tratadas de forma complementar com o uso de plantas medicinais, devido às propriedades terapêuticas nelas encontradas. Em grande parte desses casos, esses benefícios são atribuídos aos princípios ativos dos fitoterápicos, como a efeito analgésico, antimicrobiano, anti-inflamatório e cicatrizante (Pereira, 2021; Ribeiro et al., 2020).

A importância das plantas medicinais nos cuidados da saúde também tem se destacado no cenário atual, devido à adoção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) nos serviços públicos de saúde, o que ocasionou a oportunidade de união entre o saber popular e a ciência (Borges, 2018). Além disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) incentiva a produção de fitoterápicos e sua implementação na atenção primária à saúde (Brasil, 2016). Portanto, as determinações internacionais em conjunto com a PNPIC, ampliaram as opções terapêuticas aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), garantindo o acesso aos produtos e serviços relacionados à fitoterapia (Figueredo, 2014).

O Brasil possui a maior biodiversidade do mundo, com cerca de 55 mil espécies catalogadas (de um total estimado entre 350 mil e 550 mil) e conta com ampla tradição no uso das plantas medicinais. Apesar da riqueza da flora brasileira, nos últimos 20 anos, o número de informações sobre as plantas medicinais tem crescido apenas 8% anualmente (Nascimento, 2020). Acredita-se que pelo menos metade das plantas medicinais contenham substâncias com princípios ativos, que podem ser usados com a finalidade curativa e/ou preventiva para diversas doenças (Carneiro et al., 2014).

Com a expansão da indústria farmacêutica, a comprovação terapêutica de várias plantas e os incentivos de órgãos nacionais e internacionais, as plantas medicinais vêm despertando cada vez mais o interesse profissional e popular. Trata-se de

uma forma eficaz de atendimento básico à saúde, capaz de complementar ou potencializar tratamentos farmacológicos empregados e compensar a falta crônica destes, beneficiando principalmente, a população de baixa renda (Borges, 2018).

Entretanto, com a percepção de que todo produto natural é seguro e desprovido de efeitos colaterais, o uso de plantas medicinais de forma indiscriminada, sem prescrição e orientação profissional representa um perigo para a sociedade. Em muitos casos, essa prática é generalizada e os princípios ativos subestimados, ocasionando em efeitos tóxicos que variam desde alterações cardiovasculares e gastrointestinais até a carcinogênese (Marques, 2017). Neste contexto, é essencial que os profissionais da atenção primária à saúde estejam qualificados em relação ao uso dos fitoterápicos, o que envolve o conhecimento sobre as indicações e contra-indicações, toxicidades, interações e normas sanitárias para o uso seguro, assim como a compressão sobre o contexto cultural em que estão inseridos.

Neste cenário, pesquisas apontam que a maior parte dos profissionais da saúde não teve contato com a fitoterapia durante a graduação e que seu conhecimento sobre as plantas medicinais é fundamentado na sabedoria popular, revelando que sua concepção específica no assunto é insuficiente (Santos & Trindade, 2017). Logo, um dos principais problemas no uso de plantas medicinais é a falta de preparo profissional, impedindo melhores desempenhos. Em um estudo que analisou o impacto da política brasileira de plantas medicinais e fitoterápicos na formação superior da área de saúde, mostrou que as universidades não estão formando profissionais capacitados no conhecimento sobre plantas medicinais, o que resulta em dificuldades no uso das plantas medicinais no serviço público de saúde (Miranda, Cunha & Oliveira, 2020).

Observando o poder terapêutico das plantas medicinais, da importância dos profissionais da saúde em conhecer as terapias complementares e da necessidade de capacitação na área, este estudo teve como objetivo identificar o uso de plantas medicinais por estudantes universitários dos cursos de ciências da saúde no Vale do Ribeira.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa quantitativa de delineamento transversal realizada em uma instituição de ensino superior situada no município de Registro, litoral sul do estado de São Paulo, entre os meses agosto e setembro de 2018. Para o desenvolvimento do estudo, foi solicitado previamente autorização da instituição de ensino para selecionar os participantes e conduzir a coleta de dados. Além disso, o projeto foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, sendo aprovado sob parecer nº 2.950.918.

Com uma população estimada em 56.322 mil habitantes, o município de Registro/SP está localizado no Vale do Ribeira porção sul do estado de São Paulo e leste do estado do Paraná, este local caracteriza-se por estar entre as áreas de maior preservação de Mata Atlântica (Santos, 2020). Além disso, conta com ampla diversidade cultural envolvendo população indígena, caiçara, ribeirinha e quilombola (Nepomuceno, 2020), assim como, a diversidade de ecossistemas e recursos naturais de relevância ecológica, econômica e cultural (Cunha-Lignon, 2021).

O local do estudo trata-se de uma instituição de nível superior que dispõe de cursos de graduação vinculadas às ciências da saúde. Como critérios de elegibilidade para participar do estudo, definiu-se: alunos de ambos os sexos, do último ano dos cursos de bacharelado em Enfermagem (n = 49), Farmácia (n = 21), Fisioterapia (n = 25) e Nutrição (n = 20). Assim, de um total de 115 alunos, participaram do estudo 76, constituindo-se a amostra final. Os demais estudantes (n=39) foram excluídos por não estarem presentes em sala de aula no momento da coleta de dados.

Para coleta de dados foi aplicado em sala de aula, um questionário semiestruturado contendo informações que buscaram a caracterização amostral, assim como, questões dissertativas e em tópicos de respostas objetivas com alternativas distribuídas em SIM ou NÃO, sobre o uso de plantas medicinais entre os alunos. No momento da coleta os alunos foram orientados sobre os objetivos da pesquisa e a manifestação do interesse em participar se deu por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

Os dados obtidos foram tabulados e analisados no software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 20.0. Na análise descritiva foram calculadas a frequência absoluta e relativa, média e desvio padrão. Na análise inferencial foi empregado o Teste Qui-Quadrado (χ^2) para mensurar a associação entre as características sociodemográficas e o uso de plantas medicinais. Em todas as análises inferenciais foi considerado um nível de significância de 5%.

3. Resultados

Participaram do estudo 76 estudantes, predominantemente do sexo feminino (67,1%), na faixa etária de 20 a 29 anos (76,3%), média de idade 25 anos (DP=7,6), mínimo 20 e máximo 54 anos, solteira(o) (71,1%), com renda familiar mensal ≥ 2 salários mínimos (85,5%), cursando respectivamente enfermagem (38,2%), fisioterapia (28,9%), farmácia (19,7%) e nutrição (13,2%). Do total de participantes no estudo, 28 (36,8%) relataram fazer o uso de plantas medicinais, não sendo identificada associação significativa com as características sociodemográficas (Tabela 1).

Tabela 1. Associação entre o uso de plantas medicinais e as características sociodemográficas (n=76). Registro/SP, Brasil.

Variáveis	Uso de plantas medicinais				χ^2 Valor de p
	Não 48 (63,2%)		Sim 28 (36,8%)		
	n	%	n	%	
Sexo					
Masculino	17	68,0	8	32,0	$\chi^2 = 0,375$ $p = 0,540$
Feminino	31	60,8	20	39,2	
Estado civil					
Solteira(o)	32	59,3	22	40,7	$\chi^2 = 1,219$ $p = 0,270$
Casada(o)	16	72,7	6	27,3	
Faixa etária					
20 a 29 anos	33	56,9	25	43,1	$\chi^2 = 1,787$ $p = 0,181$
≥ 30 anos	7	38,9	11	61,1	
Renda familiar*					
≤ 1 salário mínimo	6	54,5	5	45,5	$\chi^2 = 0,410$ $p = 0,522$
≥ 2 salários mínimos	42	64,6	23	35,4	
Curso					
Enfermagem	19	65,5	10	34,5	$\chi^2 = 0,895$ $p = 0,827$
Fisioterapia	14	63,6	8	36,4	
Farmácia	10	66,7	5	33,3	
Nutrição	5	50,0	5	50,0	

*Valor do salário mínimo R\$1.045,00. χ^2 Teste Qui-quadrado.
 Fonte: Autores.

Em sua maioria (77,6%), os estudantes relataram não conhecer a PNPIC, mesmo entre aqueles que afirmaram o uso de plantas medicinais. Dentre aqueles que fizeram o uso, predominou a aprendizado adquirido em âmbito familiar (92,9%). Mais da metade (53,9%) relataram que durante a graduação, não foi abordado temas relacionados ao ensino sobre o uso de

plantas de medicinais e 92,1% afirmaram acreditar no efeito terapêutico das plantas medicinais. O uso de plantas medicinais foi associado significativamente com a sugestão de uso, indicando que entre aqueles que fazem o uso, 89,3% também sugerem esse consumo (Tabela 2).

Tabela 2. Associação entre o uso de plantas medicinais, conhecimento e crenças sobre os seus efeitos (n=76). Registro/SP, Brasil.

Variáveis	Uso de plantas medicinais				χ^2 Valor de <i>p</i>
	Não 48 (63,2%)		Sim 28 (36,8%)		
	n	%	n	%	
Conhece a PNPIC*					
Não	38	65,5	20	34,5	$\chi^2 = 0,586$
Sim	10	55,6	8	44,4	$p = 0,444$
Aprendizagem no uso de plantas medicinais					
Família	44	62,9	26	37,1	$\chi^2 = 0,034$
Amigos / outros	4	66,7	2	33,3	$p = 0,853$
Ensino sobre plantas medicinais na graduação					
Não	26	63,4	15	36,6	$\chi^2 = 0,003$
Sim	22	62,9	13	37,1	$p = 0,960$
Acredita no efeito das plantas medicinais					
Não	6	100,0	0	0,0	$\chi^2 = 3,800$
Sim	42	60,0	28	40,0	$p = 0,051$
Sugere o uso de plantas medicinais					
Não	19	86,4	3	13,6	$\chi^2 = 7,166$
Sim	29	53,7	25	46,3	$p = 0,007$

*PNPIC Política Nacional de Prática Integrativas e Complementares. χ^2 Teste Qui-quadrado.
 Fonte: Autores.

Com relação à forma de uso das plantas medicinais pelos universitários, observou-se que aquisição das plantas ocorreu com maior frequência no próprio quintal (53,6%), seguido por outros locais, como farmácias, feiras livres e mercados (35,7%). Os estudantes em sua maioria também relataram que o uso das plantas medicinais ocorreu com maior frequência em situações de adoecimento (67,9%), sendo o principal motivo para o uso à busca pelo bem-estar (64,3%). Quanto ao modo de preparo, a infusão foi a mais citada pelos estudantes (57,1%) (Tabela 3).

Tabela 3. Caracterização da forma de uso das plantas pelos universitários (n=28). Registro/SP, Brasil.

Uso de plantas medicinais	N	%
Local de aquisição		
Quintal da casa	15	53,6
Quintal do vizinho	3	10,7
Outro local	10	35,7
Frequência		
Diariamente	2	7,1
Semanalmente	1	3,6
Mensalmente	6	21,4
Quando fico doente	19	67,9
Motivo		
Bem-estar	18	64,3
Promove cura	10	35,7
Modo de preparo		
Infusão	16	57,1
Maceração	10	35,7
Infusão / maceração	2	7,1

Fonte: Autores.

Sobre as plantas medicinais mais utilizadas pelos estudantes, identificou-se maior predomínio de respostas para o uso do Boldo (39,3%) no tratamento de enjoo, mal-estar, digestão, dor de barriga e fígado, Erva-cidreira (35,7%) como calmante e para tratamento na gripe e gases, Camomila (28,6%) como calmante e bem-estar. As folhas foram às partes mais utilizadas das plantas medicinais (Tabela 4).

Tabela 4. Plantas medicinais, finalidade e parte utilizada pelos universitários (n=28). Registro SP, Brasil, 2018.

Planta medicinal	Família	Finalidade do uso	Parte utilizada	Total N(%)
Boldo <i>Peumus boldus</i>	<i>Monimiaceae</i>	Enjoo, mal-estar, digestão, dor de barriga, fígado	Folha	11 (39,3)
Erva-cidreira <i>Melissa officinalis</i>	<i>Lamiaceae</i>	Calmante, gripe, gases	Folha	10 (35,7)
Camomila <i>Matricaria chamomilla</i>	<i>Asteraceae</i>	Calmante, bem-estar	Flor/Folha	8 (28,6)
Erva-doce <i>Pimpinella anisum</i>	<i>Apiaceae</i>	Calmante, bem-estar, gases, má digestão	Flor/Folha	6 (21,4)
Hibisco <i>Hibiscus rosa-sinensis</i>	<i>Malvaceae</i>	Melhora da circulação, acelerar metabolismo, retenção de líquido, inibição do apetite, diurético	Flor/Folha	4 (14,3)
Guaco <i>Mikania glomerata S.</i>	<i>Asteraceae</i>	Inflamação da garganta, gripe	Folha	3 (10,7)
Hortelã <i>Mentha piperita L.</i>	<i>Lamiaceae</i>	Bem-estar, cólica, má digestão	Folha	3 (10,7)

Nota: Pode haver mais de uma resposta por participante no estudo.

Fonte: Autores.

4. Discussão

Este estudo evidenciou que o uso de plantas medicinais em sua maioria ocorreu entre os estudantes do sexo feminino, do curso de enfermagem, cujo conhecimento foi adquirido em âmbito familiar. De acordo com os relatos, as plantas medicinais foram obtidas no próprio quintal, e a técnica mais utilizada foi à infusão, sendo o consumo realizado com o objetivo da busca pelo “bem-estar”. Predominou-se o desconhecimento sobre a PNPIC e o relato de que o tema “plantas medicinais” não foi abordado durante a graduação. Contudo, dos estudantes que afirmaram o uso, a maioria acredita no seu efeito terapêutico e sugere o consumo para terceiros.

O consumo de plantas medicinais no ensino superior tem sido identificado com maior frequência entre as mulheres em comparação aos homens (Figueiredo & Paiva, 2020, Stefanello et al., 2018). Este padrão de consumo pode estar relacionado ao contexto cultural enraizado em algumas sociedades, que inserem a mulher nos afazeres domésticos e culinários, resultando no maior contato com os produtos naturais, que por sua vez, as protagonizam no cuidado à saúde e bem-estar social da família (Xavier & Lima, 2020).

Por outro lado, um estudo realizado em Maringá-PR, destaca que o conhecimento sobre plantas medicinais provém dos “ancestrais”, reforçando a ideia de que as gerações passadas, ou os mais velhos, dominam esse conhecimento, e na ausência de interesse e curiosidade das novas gerações, poderá tornar-se um conhecimento perdido (Lopes et al., 2015). Essa característica também foi observada em um estudo realizado em Belo Horizonte-MG, com discentes da área da saúde, onde prevaleceu à aquisição de conhecimentos sobre as plantas medicinais através de familiares (Miranda, Cunha & Oliveira, 2020).

O conhecimento sobre as plantas medicinais pode ser perpetuado entre as gerações por meio da oralidade e dos costumes populares (Barboza et al., 2020). Tal prática resulta muitas vezes no cultivo de plantas medicinais no próprio quintal, aumentando as chances para o consumo no ambiente domiciliar. Neste contexto, manifesta-se a necessidade em resgatar o conhecimento popular acerca do uso de plantas medicinais, uma vez que o uso desta prática se caracteriza como um dos principais recursos terapêuticos das comunidades e etnias (Nóbrega, 2017).

Neste estudo predominou-se a aprendizagem sobre plantas medicinais adquirida em âmbito familiar e obtidas no próprio quintal. A predominância da aquisição de plantas no próprio domicílio é semelhante ao resultado encontrado no estudo realizado no estado do Pará, onde mais de 80% dos alunos de espaços rural e urbano relataram a obtenção de plantas medicinais no próprio quintal (Barboza et al., 2020), o mesmo ocorreu no estudo de Governador Valadares-MG, onde 52% das plantas utilizadas são cultivadas em quintais (Zeni et al., 2017). Esses espaços propiciam a interação do ser humano com a natureza pela facilidade de acesso, a troca de plantas e de conhecimento.

A técnica mais citada pelos discentes no preparo das plantas medicinais para o consumo foi à infusão, resultado similar foi encontrado em um estudo realizado no Piauí, que destaca a infusão como o método mais utilizado e salienta a importância de saber distinguir morfológicamente e quimicamente as partes do vegetal a ser ingerido, pois os princípios ativos e as substâncias tóxicas se distribuem de formas distintas nas plantas (Pereira et al., 2015).

Em relação às plantas medicinais mais utilizadas pelos graduandos, foram relatadas sete espécies diferentes. As mais citadas foram: Boldo (39,3%), erva-cidreira (35,7%) e camomila (28,6%). Esses achados corroboram com os encontrados no estudo de Petrolina-PE sobre o conhecimento de profissionais de nível superior a respeito de plantas medicinais (Nascimento Júnior et al., 2016). Apesar do uso de fitoterápicos ser uma prática recomendada na Atenção Básica à Saúde por meio das Práticas Integrativas e Complementares (PICs), observa-se que a prescrição de fitoterápicos por profissionais da saúde na atenção básica ainda é discreta, resultando em um uso tímido das plantas medicinais. A baixa adesão na prescrição de fitoterápicos parece estar associada ao conhecimento insuficiente sobre o assunto (Rodrigues, Campos & Siqueira, 2020).

Dentre as respostas dos discentes predominou-se o desconhecimento sobre a PNPIC e o relato de que o tema “plantas medicinais” não foi abordado durante a graduação. Na literatura também se identifica que durante a graduação, a capacitação

da maioria dos profissionais de saúde para o trabalho com plantas medicinais é deficitária (Sá et al., 2018). Ainda é predominante, a resistência em inserir as plantas medicinais na prescrição de pacientes, uma vez que a maioria do conhecimento que se tem sobre os recursos terapêuticos encontra-se centrada no modelo biomédico. Um estudo feito pela Universidade de São Paulo mostrou que das 209 instituições públicas de ensino superior, somente 43 (32,3%) oferecem disciplinas relacionadas com o tema, sendo a maioria delas oferecidas de forma optativa (Salles, Bel Homo & Silva, 2014).

Observa-se que em sua maioria, os profissionais da saúde não têm aproximação com os saberes científicos associados à fitoterapia, o que resulta em dificuldades para aconselhar os pacientes sobre os tratamentos disponíveis (Salles, Bel Homo & Silva, 2014). Neste contexto, o conhecimento sobre o uso e a prescrição de plantas medicinais, requer do profissional da saúde sabedoria sobre valores culturais, características regionais e estratégias de promoção à saúde, com isso se reforça a importância em abordar este assunto durante e após o processo de formação profissional (Santos & Trindade, 2017).

Cabe destacar, que este estudo apresenta como limitações o uso de amostra por conveniência, em localidade específica, o que por sua vez, limita a generalização dos resultados. Assim, sugere-se o desenvolvimento de estudos com populações maiores e em diferentes localidades. Como destaques o estudo, ressalta-se o levantamento de evidências sobre a necessidade em aprofundar o ensino das práticas integrativas e complementares, especificamente o uso de plantas medicinais, na formação universitária.

5. Conclusão

Embora os alunos acreditem que as plantas medicinais sejam eficazes no tratamento de doenças, mais da metade relataram não fazer o uso. Ademais, o assunto ainda é pouco abordado durante a graduação, conseqüentemente acarretando a falta de interesse e de segurança na utilização de plantas medicinais durante a atuação profissional. Neste contexto, é fundamental a ampliação em discussões sobre o tema no contexto acadêmico, visto que, para a sua utilização, é preciso o conhecimento sobre o assunto, permitindo também que tal conhecimento não se perca no decorrer da história, e futuras gerações possam usufruir das plantas medicinais e seus benefícios.

Sugerimos que outros estudos possam aprofundar a investigação sobre o uso de plantas medicinais entres estudantes universitários em diferentes regiões e com abordagens metodológicas distintas. Além disso, é importante investigar como o ensino das plantas medicinais tem sido abordado nas matrizes curriculares dos cursos da saúde. Isto possibilitará estabelecer um panorama nacional sobre a fitoterapia no processo de formação profissional em saúde e conseqüentemente prever estratégias para fomentar o conhecimento sobre as plantas medicinais.

Referências

- Barboza, C. A. et al. (2020). Percepção dos alunos a respeito do uso de plantas medicinais em escolas públicas de Salvaterra. *Biota Amazônia*. 10(1), 24-30. 10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v10n1p24-30
- Brasil. (2016). Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. <https://bit.ly/37tcqtj>
- Borges, F. V., & Sales, M. D. C. (2018). Políticas públicas de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: sua história no sistema de saúde. *Pensar Acadêmico*, 16(1), 13-27.
- Carneiro, F. M. et al. (2014). Tendências dos estudos com plantas medicinais no Brasil. *Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/Campus de Iporá*. 3(2), 44-75. <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/2954>
- Cunha-Lignon, M., Bertini, G., Montealegre-Quijano, S., & Registro, S. P. (2021). Manguezais, Camarões-de-Água-Doce e Manjuba-de-Iguape: Patrimônios Natural e Cultural do Vale do Ribeira e Litoral Sul do Estado de São Paulo.
- Almeida Nepomuceno, I., & Aragi, J. C. (2020). Rede de conhecimento sobre a produção quilombola de alimentos no IFSP Campus Registro: cultura e tradição alimentar. *Revista Ingesta*, 2(1), 76-95.

- Almeida, S. S. (2020). Uso de plantas medicinais em uma associação rural no semiárido baiano. *Revista Saúde e Meio Ambiente*, 10(1), 95-105.
- Santos, N. C., de Almeida Filho, R. B., Martins, D. R. C., Cubas, A., Eiró, L. T., de Paula, I. C., & de Souza, A. L. T. (2020). Motivos associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo até seis meses de idade em lactentes acompanhados em Estratégias de Saúde da Família da cidade de Registro, São Paulo. *Health Sciences Journal*, 10(4), 62-70.
- Figueredo, C. A. D., Gurgel, I. G. D., & Gurgel Junior, G. D. (2014). A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24, 381-400.
- Figueiredo, L. B.; & Paiva, P. M. H. (2020). Levantamento sobre a utilização de plantas medicinais por universitários e colaboradores do centro Universitário do Sul de Minas–Varginha MG. *Brazilian Journal of Development*. 6(12), 101718-101735. 10.34117/bjdv6n12-604
- Lopes, A. M., Nogueira, I. S., Obici, S., & Albiero, A. L. M. (2015). Estudo das plantas medicinais, utilizadas pelos pacientes atendidos no programa “estratégia saúde da família” em Maringá/PR/Brasil. *Rev.Bras. Plantas Med.* 17 (4 suppl 1), 702-706. 10.1590/1983-084x/12_173.
- Marques, A., Tirloni, C., Gebara, K., Lívero, F., & Gasparotto, A. (2017). Avaliação De Carcinogênese A Curto Prazo De Casearia Sylvestris Swartz Utilizada Pelo Sistema Único De Saúde Brasileiro (Sus). *Anais Do Enic*, (9).
- Miranda, D. M., Cunha, N. J. R., & Oliveira, F. Q. (2020). Perfil de utilização de plantas medicinais por discentes dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior da rede privada de Belo Horizonte- MG. *Revista Científica da Faminas*. 15(1), 12-21. http://periodicos.faminas.edu.br/index.php/RCFaminas/article/view/470/pdf_2
- Nascimento Júnior, B. J. et al. (2016) Avaliação do conhecimento e percepção dos profissionais da estratégia de saúde da família sobre o uso de plantas medicinais e fitoterapia em Petrolina-PE, Brasil. *Rev Bras. Plantas Med.* 18(1), 57-66. 10.1590/1983-084X/15_031
- Nascimento, T. D. S. (2020). Estudo etnobotânico na Fazenda Extrema e na Comunidade Val da Boa Esperança, Barreiras-BA.
- Nóbrega, J. S., Silva, F. A., Barroso, R. F., Crispim, D. L., & Oliveira, C. J. A. (2017). Avaliação do conhecimento etnobotânico e popular sobre o uso de plantas medicinais junto a alunos de graduação. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental*, 11(1), 07-13.
- Pereira, J. C., Martins, A. B., Rocha, M. C. F., Júnior, S. M. C., & Feitosa, C. M. (2021). Espécies medicinais do Brasil com potencial anti-inflamatório ou antioxidante: Uma revisão. *Research, Society and Development*, 10(7), e10310716196-e10310716196.
- Pereira, A. B. J. et al. (2015) O papel terapêutico do Programa Farmácia Viva e das plantas medicinais no centro-sul piauiense. *Rev. Bras. Plantas Med.* 17(4), 550-561. 10.1590/1983-084X/14_008
- Ribeiro, L. S. M. et al. (2020). Effect of *Plassiflora edulis* leaf extract on skin healing in rats. *Av Enferm.* 38(3), 325-334. 10.15446/av.enferm.v38n3.84534
- Rodrigues, L. M., Campos, A. E. C., & Siqueira, A. B. (2020). A fitoterapia na Atenção Primária à Saúde segundo os profissionais de saúde do Rio de Janeiro e do Programa Mais Médicos. *Cad. Ibero Am. Direito Sanit.* 9(4), 28-50. 10.17566/ciads.v9i4.637
- Sá K. M., Lima, A. S., Bandeira, M. A. M., Andriola, W. B., & Nojosa, R. T. (2018). Avaliando o impacto da política brasileira de plantas medicinais e fitoterápicos na formação superior da área de saúde. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. 13(4), 1106–1131. 10.21723/riaee.v13.n3.2018.11160.
- Salles, F. L., Bel Homo, B. F. R., & Silva, P. J. M. (2014). A Situação do ensino das práticas holísticas e complementares em cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e medicina. *Cogitare Enferm.* 19(4): 741-746. 10.5380/ce.v19i4.35140
- Santos, V. P., & Trindade, L. M. P. (2017). A enfermagem no uso das plantas medicinais e da fitoterapia com ênfase na saúde pública. *Revista Científica FacMais*. 8(1), 16-34. <https://bit.ly/3fhFh8d>
- Silva, N. C. S., Vítor, A. M., da Silva Bessa, H. H., & Barros, R. M. S. (2017). A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos em prol da saúde. *Única cadernos acadêmicos*, 3(1).
- Stefanello, S., Kozera, C., Ruppelt, D., Fumagalli, D., Camargo, M. P., & Sponchiado, D. (2018). Levantamento do uso de plantas medicinais na Universidade Federal do Paraná, Palotina–PR, Brasil. *Revista Extensão em Foco*. 15, 15-27. 10.5380/ef.v1i15.52776
- Xavier, R. A. T., & Lima, R. A. (2020). O papel das mulheres na construção do conhecimento em etnobotânica na região norte: uma revisão integrativa. *Conhecimento & Diversidade*. 12(27), 51-63. 10.18316/rcd.v12i27.7456
- Zago, L. D. M. S., & de Moura, M. E. P. (2018). Vinte e dois anos de pesquisa sobre plantas medicinais: uma análise cienciométrica. *Tecnia*, 3(1), 157-173.
- Zeni, A. L. B., Parisotto, A. V., Mattos, G., & Santa Helena, E. T. (2017). Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. *Ciênc. Saúde Colet.* 22(8), 2703-2712. 10.1590/1413-81232017228.18892015